

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — Custódio dos Santos Lima Guimarães

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampina	1200
Semestre, idem	600
Ano, com estampina	1350
Semestre, idem	675
África e Brasil, por ano (moeda forte)	2225
Número avulso	50

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 46 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	200
Repetição dos mesmos	700
Anúncios permanentes, contracto especial	
As obras literárias anunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.	
Os autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.	

PODER PESSOAL

Vivemos em pleno regime do poder pessoal. Não pretendemos, ao dizer isto, dar qualquer novidade a quem quer que seja, tão patentes e constantes são as intoleráveis manifestações, do absolutismo, que há sete longos meses mina o país!

Fazendo esta afirmação queremos apenas marcar, mais uma vez, como de dia para dia se vai acentuando o desaparecimento dos últimos restos de respeito pelas instituições e princípios republicanos. Hoje, em Portugal, só há República no título de que usa o personagem que, de facto, exerce a chefia do Estado. Existe tão sómente esse rótulo que tem pretensões a diferenciar o regime vigente da Monarquia, apesar d'este ter todas as características da Monarquia absoluta. Um homem só chamou a si todos os poderes do Estado e exerce-os discricionariamente, utilizando as leis que lhe convem, passando por cima das que lhe não fazem conta, ou forçando-as, de circunstância, conforme os casos. Como, porém, essa criatura não alcançou ainda o dom da ubiquidade e entende que a sua acção se deve fazer sentir em toda a vida do país, delega em agentes especiais as funções que directamente não pôde exercer. Esses agentes, reconhecendo que o arbítrio e a violência são as palavras de ordem, praticam toda a casta de atropellos, certos não só da impunidade, mas ainda seguros de que tanto mais agradarão quanto mais atabilárias e brutais forem as suas acções. Tão dementado está o poder, tão desorientada é a sua direcção, que a incoerência o leva a desrespeitar as próprias disposições, horas voltadas sobre a sua adopção. Haja vista o que succedeu com o decreto da censura á imprensa, rasgado dias depois pelo mesmo secretário do Interior que o forjára. O *Presidentismo* arrasta assim a vida precária e hesitante, que é característica de todas as instituições que, nascidas da violência, vegetam no arbítrio. O *Presidentismo* vive dia a dia, quasi hora a hora, atormentadamente, sem sciência nem consciencia, architectando um expediente para cada nova dificuldade, e criando uma nova dificuldade com cada expediente de que lança mão.

Como quem não está seguro do seu direito, como quem não pôde confiar na sua própria obra, como quem vive da ficção e da mentira, o *Presidentismo*, desconfiando de tudo e de todos, a todos procura contentar, exclusão feita daqueles

a quem extorquiu os seus direitos e cuja razão o apavora. A's apalpadelas, sem pensar nem ver as consequências dos seus actos, o *Presidentismo* procura angariar simpatias, conquistar adeptos, lançando para isso mão de todos os meios que se lhe afigurem apropriados á consecução dos seus fins. Distribue benesses, escancara os cofres do tesouro público, acarinha e alenta os mais contumazes inimigos do regime que diz defender, cede tudo e a tudo cede, com a simples condição de que o deixem viver. E' precária, é mesquinha, é atribulada e incerta essa existencia?

Embora. E' viver, é ganhar tempo, e isso basta, á falta de melhor. Entretanto, que importa que o país sofra, que a desorganização alastre em pavorosas proporções, que o crédito desabe, que o problema económico se agrave, que a bancarrota nos espreite muito de perto? Tudo isso é nada, tudo isso é coisa minima, contanto que o *Presidentismo* vá existindo para satisfação da vaidade de um, dos interesses de alguns e das aspirações de outros. Não importa que os realistas lancem e cimentem as bases do crime com que pretendem estrangular a República — a verdadeira República — uma vez que continuam a apoiar a República nova, e esta vá vivendo, pelo menos até ... seis meses depois da guerra.

Depois? ... depois Deus dará. Transpôr as portas da História, eis o problema. Desta ou daquela maneira, pouco importa. O caso é entrar para lá, ainda que para satisfazer a vaidade de um homem seja preciso arrastar á ruina um país inteiro. Temos que admitir esta ambição doentia, para não admitir outra ainda peor. Temos que aceitar a megalomania, porque, nestes casos, as hipóteses patológicas são ainda as mais generosas, e nós temos sempre um natural pendôr para a longanimidade.

De qualquer modo, a verdade é que a subversão de todos os princípios e intenções apregoados pela sedição militar de dezembro é completa, total, absoluta; e em vez dos decantados propósitos de libertação, temos a obra nefasta de um absolutismo estimulado por um ódio que não causa, por uma sede de perseguições que se não extingue. Por nós, por aquilo que como republicanos e patriotas de há tempos vimos sofrendo, o caso teria importância secundária. Os nossos interesses pessoais e partidários, por mais legítimos que sejam, estão sempre muito abaixo dos superiores interesses da Pátria e da

República, e é para estes que temos sempre os olhos voltados, e com máguia reconhecemos que eles estão em perigo, em perigo iminente, pela ambição de uns, pela cegueira de outros e pela criminosa indiferença de muitos.

Pela nossa parte, iremos doutrinando e lutando sempre, sem desânimos nem desfalecimentos embora por vezes tenhamos de voltar o rosto mais enojados que indignados com certos espectáculos, que esta situação nos oferece.

Entretanto, há quem esteja contente por possuir um «senhor» que manda distribuir pão, em sopa, e que já anuncia ao povo que lhe vai dar espectáculos gratuitos. *Tal como na Roma dos Cesares...*
(Da República).

Uma selvageria

O que se passou em Lisboa, no Centro Evolucionista, a quando da conferência, meramente educativa, do professor Leonardo Coimbra, excede, pela imprevista vileza do atentado e pela inédita selvageria dos assaltantes, tudo quanto nos tempos da ... demagogia velha se praticou no género. Foi uma infâmia inqualificável e uma inqualificável brutalidade, que a censura não deixou narrar, e que uma nota officiosa do Governo tendenciosamente quiz deturpar, engendrando mentiras e alevisias. Feriu-se, matou-se, prendeu-se, a esmo, sem que para tal attitude houvesse outro motivo que não fôsse o de ir um professor republicano, a convite de republicanos, a fazer uma conferência sobre a moral da guerra, matéria que está fóra das nossas disputas políticas e das nossas rixas partidárias.

Aqui lavramos contra a selvageria de Lisboa o nosso protesto mais veemente, afirmando aos nossos colegas da «República», e a todos os nossos correligionários a quem ela atingiu, a nossa mais completa e firme solidariedade.

Os tempos são maus, tempos de luta e de sofrimento, mas é precisamente na luta e no sofrimento que se temperam os ânimos para os rudes trabalhos, que a vitória da liberdade sempre custa.

Que eles não criem nem propaguem ódios, (que de ódios há já uma sementeira larga ameaçando frutificar em desvarios deploráveis) e assumam apenas, com a sua consciencia de republicanos e de homens livres o compromisso infrangível de não abandonar a luta sem que a liberdade domine enfim contra todas as opressões.

Eles o farão e a liberdade vencerá!

Exames primários

Vão principiar brevemente. Transcrevemos, a propósito, o que diz um articulista de valor:

Ignoro há quantos anos os exames de instrução primária se fazem em Agosto. Há quarenta, se a memoria me não falha, faziam-se êles em Maio, e com certeza não iam além de Junho. Quem teve a cerebrina ideia de pôr os pequenos de dez anos a fazerem exame nos meses mais quentes do ano certamente tinha o juizo a arder. Certamente foi para interesse de alguém que isso se fez, mas nunca para interesse das crianças. E se há principio assente em pedagogia moderna é que, em questão de educação, tudo deve ser subordinado ao interesse das crianças. Está bem de ver que não se trata aqui do capricho desta ou daquela criança, mas sim do interesse da sua saúde física e moral. Eu sei que nas parolas que por aí se fazem, se proclama isto mesmo, mas continuam a fazer-se exames de instrução primária em Agosto.

Que proveitosas férias as destas crianças!

E, já que estou falando em exames de instrução primária, quero referir-me á maneira como êles se praticam, coisa que parece não merecer as atenções dos Senhores ministros da instrução, tão alto pairam os seus espiritos que não veem o que se passa cá na terra. Ainda hoje, como há quarenta anos, se pergunta nos exames de instrução primária, a uma criança de dez anos — pelo menos, ainda isto succedeu nos exames do ano passado, ainda hoje se pergunta: «O que é o metro?» — pergunta a que o pequeno tem de acudir com a resposta sacramental: «é a décima milionésima parte do quarto do meridiano terrestre».

E que não responda!
Ora isto é idiota: e quem devia voltar para a Escola Normal é o professor que ainda hoje examina por esta forma. Que diabol é tão fácil verificar se o pequeno faz ideia do que é o metro!

Hóspede illustre

Encontra-se nesta cidade o sr. dr. Eugénio Sanchez da Gama, muito digno professor do Liceu e da Escola Industrial de Coimbra e illustre membro do Conselho Superior de Instrução Pública. Está s. ex. presidindo aos exames de 5.ª classe do nosso Liceu. Espirito muito culto, professor dos mais distintos e mimoso poeta, conjuga ainda s. ex. as melhores qualidades de convívio pela lhaneza do trato, pela nativa bondade, pela distincção de maneiras.

Não é a primeira vez que s. ex. vem a esta cidade em funções de professor-presidente. Confirmará decerto agora o conceito que conquistou de justiceiro com bondade e de bondoso sem relaxamento.

Cumprimentamos s. ex. com o desinteresse de quem, infelizmente, já não está em idade de passar sob as forças caudinas.

República... de Meca e de Moca

Os antigos parlamentares democráticos, no uso dum direito que ninguém lhes pôde contestar e que a autoridade tinha obrigação de lhes garantir, — pretenderam reunir-se para trocarem impressões acerca da situação política em que nos encontramos e assentarem na direcção a imprimir ás forças do seu partido. A policia, uma fardada e outra á paisana, esperou-os á porta da casa onde deveria efectuar-se a reunião (o que não faz junto ás casas de taboagem descarada!) e foi tomando os nomes e moradas de cada um!

Não entrou para ver e ouvir, mas ficou á porta de sentinela, alguns armados de carabinas; e, quando os parlamentares ali reunidos iam a sair, a policia embargou-lhes o passo (o que não faz junto ás casas de bôto!) e alegou aguardar ordens do Governo Civil.

Parece que essas ordens foram para que não houvesse prisões, mas se cadastrassem os cidadãos ali reunidos.

Este recente procedimento havido com antigos parlamentares, alguns antigos ministros da República, conjugado com o que se passou no Porto, quando ali foi realizar uma conferência do instrução o sr. dr. Brito Camacho, e conjugado ainda com o que se passou, há poucos dias, no Centro Evolucionista, onde correu sangue, mostra que vivemos num regime em que a lei é o arbítrio de quem manda e que a ordem do dia é a violência e a opressão.

República de Meca e Moca.

Parece haver o propósito de provocar reacções que sejam desordens, para assentar o despotismo em terreno vermelho. Pois não está provado que o sangue seja boa argamassa e nunca se escolheram cadáveres para alicerces duma edificação.

Queiram (os que mandam) abrir os olhos ás lições da História!

O açúcar

Nas nossas colónias de África não se sabe o que fazer ao assucar ali armazenado.

Por informações transmitidas para Lisboa sabe-se que, estando para principiar nova safra de açúcar, não se vê meio de dar expediente ao que em África existe e de armazenar o novo.

E toda a gente, na metrópole, a lutar com verdadeira fome de açúcar!!!

